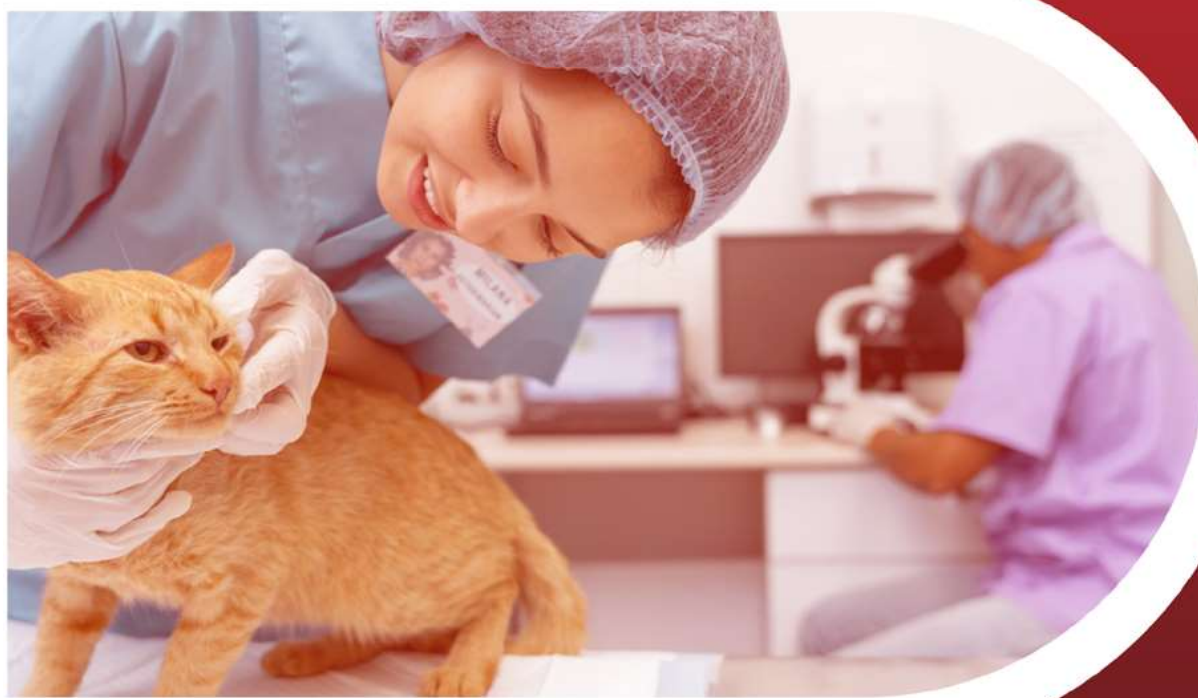
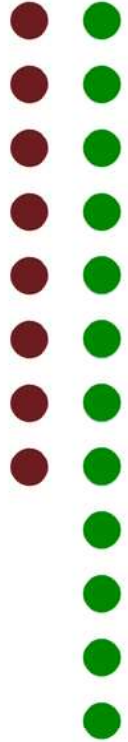


Anais da I Mostra de Trabalhos do Encontro Acadêmico de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras



**ANAIS DA I MOSTRA DE TRABALHOS DO ENCONTRO ACADÊMICO
DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE DE VASSOURAS**

De 11 a 14 de Setembro de 2023

Coordenação Docente da I Mostra de Trabalhos do EAVET

Erica Cristina Rocha Roier

Mário dos Santos Filho

Coordenação Discente da I Mostra de Trabalhos do EAVET

Carine Cristine da Costa Ribeiro Ramos

Piettra Bárcia Alves Rechuem

Manoela Carvalho Villa

Editora da Universidade de Vassouras

Vassouras/RJ

2023

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Marco Antonio Soares de Souza

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Vassouras

Carlos Eduardo Cardoso

Coordenadora Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária

Dr^a Erica Cristina Rocha Roier

Editora-Chefe das Revistas Online da Universidade de Vassouras

Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

Diagramação

Luis Felipe Soares Gomes

Mariana Moss

Am69	<p>Amostra de Inovação a Saúde (1: 2023: Vassouras, RJ) Anais da I Amostra de trabalhos do Encontro Acadêmico de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras / organizado por Erica Cristina Rocha Roier, Mário dos Santos Filho. – Vassouras, RJ : Universidade de Vassouras, 2023. 26 p.</p> <p>Recurso eletrônico Formato: E-book Modo de acesso: http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RFEU/issue/view/290 ISBN: 978-65-87918-69-3</p> <p>1. Ciências médicas. 2. Veterinária. 3. Pesquisa. I. Roier, Erica Cristina Rocha. II. Santos Filho, Mário dos. III. Universidade de Vassouras. IV. Título.</p>
------	--

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica Online – Universidade de Vassouras

Membros do Comitê Científico

Alysson de Paula Oliveira
Amanda Alfeld Belegote
Ana Paula Martinez de Abreu
Ana Carolina de Souza Campos
Cátia Maria Santos Diogo da Silva
Eduardo Butturini de Carvalho
Eduardo Maia Aguiar
Erica Cristina Rocha Roier
Fabiana Bernardes Almeida Santos
Gabriela Vieira do Amaral
Karla Jorge Dantas de Oliveira
Letícia Patrão de Macedo Gomes
Liege Vieira da Rosa Garcia
Lígia Raposo Bernardes
Mariana Leal da Silva
Mário dos Santos Filho
Mylena Cunha Magalhães Cotrim
Raphaela Fernandes Coelho
Renata Fernandes Ferreira de Moraes
Paula Gonfinetti Cukier
Simone Pereira Alves
Verônica da Cruz de Carvalho
Victor Hugo da Silva Santos

Colaboradores

Álvaro Alberto Moura Sá dos Passos
Fabio Sartori
Gustavo Mendes Gomes
Leila Cardozo Ott
Mayara Ornelas Pereira
Pedro Henrique Evangelista Guedes
Priscilla Nunes dos Santos
Renata Vitória Campos Costa
Vinicius Marins Carraro

“I Prêmio Destaque em Pesquisa da Semana Acadêmica de Medicina Veterinária da Mostra de Trabalhos do EAVET”

Entre os dias 11 e 14 de setembro de 2023, foi realizado o X Encontro Acadêmico em Medicina Veterinária, promovido pelo Centro Acadêmico de Medicina Veterinária com o apoio da Coordenação do Curso de Medicina Veterinária e o Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras. No evento foram premiados os melhores trabalhos com o “I Prêmio da Mostra de Trabalhos do EAVET”. Nesta primeira edição do prêmio, 3 trabalhos tiveram melhores pontuações, considerando somatório da parte escrita e a apresentação oral, e foram condecorados com o título de Primeiro Lugar, Segundo Lugar e Terceiro Lugar, sendo os “melhores trabalhos do evento”, o que só enaltece a qualidade do evento, frente a trabalhos com ótimas avaliações. Ao todo, foram submetidos 25 trabalhos e, destes, 20 trabalhos foram aprovados para apresentação em banner, com temáticas de interesse na medicina veterinária, incluindo relatos de caso, artigos de pesquisa e notas técnicas. O sucesso do evento se deve a dedicação de todos envolvidos, como os alunos de graduação, pós-graduação e professores. O evento ocorreu no período da tarde do dia 13 de setembro, e teve sua cerimônia de premiação durante o encerramento do X Encontro Acadêmico em Medicina Veterinária, que ocorreria na tarde do dia 14 de setembro, possibilitando que os envolvidos pudessem prestigiar todas as etapas do evento, além de abrir suas portas a interação com o corpo do docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Vassouras.

Melhores Trabalhos do Evento

Primeiro Lugar

Título: Correlação dos achados clínicos de cães braquicefálicos, atendidos em um serviço particular de pneumologia veterinária.

Autores: Luana da Silva Costa, Lays da Silva Mendes, Milena de Oliveira Cruz, Manuella Fonseca Mazzoto, Fabiana Bernardes Almeida Santos, Debora Azevedo Borges & Mário dos Santos Filho.

Segundo Lugar

Título: Osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO) para tratamento de insuficiência ligamento cruzado cranial em cão: Relato de Caso.

Autores: Lucas Baptista Motta, Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino, Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva, Igor Braz Righi & Ana Carolina de Souza Campos.

Terceiro Lugar

Título: Bigeminismo ventricular em exame eletrocardiográfico de cão portador de cardiomiopatia dilatada: Relato de caso.

Autores: Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino, Larissa de Almeida Plácido, Anna Clara Carvas Sant’Anna, Maria Fernanda Russo Muniz, Vivian Bertolozzi Ramacciotti & Mário dos Santos Filho.

Sumário

Gangrena em pavilhão auricular de <i>Felis catus</i> : Relato de manejo de ferida	7
Bigeminismo ventricular em exame eletrocardiográfico de cão portador de cardiomiopatia dilatada: Relato de caso	8
Tumor venéreo transmissível em paciente canina sem fatores de risco de contágio: Relato de caso	9
Tratamento e controle do <i>Diabetes Mellitus</i> tipo I em paciente canino com manejo multimodal: Relato de caso	10
Ectoparasitas em Equinos: Percepção dos criadores sobre afecções transmitidas e o controle de carrapatos no Estado do Rio de Janeiro.	11
Herniorrafia em um exemplar juvenil de Ouriço-cacheiro (<i>Coendou spinosus</i>): Relato de caso	12
Microfilariúria em paciente canino de região endêmica para dirofilariose: Relato de caso	13
Osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO) para tratamento de insuficiência ligamento cruzado cranial em cão: Relato de Caso	14
Miosite dos músculos faciais em paciente canino após a realização de mastectomia e ovariectomia: Relato de caso	15
Uso de óleo ozonizado e técnica de bag com aplicação direta de ozônio, como adjuvante no tratamento de feridas em equino: Relato de caso	16
Síndrome da angústia respiratória aguda em um felino de 4 anos: Relato de caso.....	17
Uso do antiviral GS-441524 no tratamento de PIF em felino doméstico: Relato de caso	18
Dirofilariose em felino de 6 anos de idade: Relato de caso	19
Deficiência de cálcio e fósforo na dieta de galinhas de postura: Relato de caso	20
Fratura patológica de mandíbula em paciente canino portador de doença periodontal grave: Relato de caso.	21
Insuficiência cardíaca direita e esquerda, com associação de edema pulmonar e efusão abdominal, em canino de pequeno porte de 15 anos de idade: Relato de caso	22
Uso do aurímetro na avaliação hepática de bovinos em paralelo a dosagem de enzimas hepáticas.	23
Prevalência da doença valvar degenerativa crônica mitral em cães atendidos em um serviço particular de cardiologia no período de janeiro de 2018 a julho de 2023.	24
Anafilaxia por múltiplas picadas de abelhas africanizadas em cão: Relato de caso.....	25
Correlação dos achados clínicos de cães braquicefálicos, atendidos em um serviço particular de pneumologia veterinária.....	26

Gangrena em pavilhão auricular de *Felis catus*: Relato de manejo de ferida

Ana Clara Guimarães¹, Aline Maria Andrade da Silva¹, Ana Carolina de Souza Campos² & Bianca Affonso dos Santos Paiva²

1Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Em felinos o processo de cicatrização ocorre de forma mais lenta quando comparado à outras espécies devido à algumas características como a menor perfusão cutânea, produção de colágeno e de tecido de granulação e a maior ocorrência de pseudocicatrização. Por estes motivos, o objetivo deste trabalho foi relatar o manejo por segunda intenção de ferida causada por gangrena do pavilhão auricular de paciente felino, fêmea, sem raça definida, com aproximadamente 2 meses de idade. O animal foi atendido na Clínica Veterinária da Universidade de Vassouras imediatamente após resgate, a paciente encontrava-se em choque, sem reflexos nervosos, com quadro de hipotermia e hipotensão severos. Suspeitou-se de trauma cranioencefálico e a mesma foi internada para estabilização. Após 7 dias de tratamento, em revisão clínica, foi notada alteração vascular na orelha direita, o pavilhão auricular estava ressecado e havia secreção purulenta. A suspeita principal foi de gangrena seca devido prejuízo arterial e rápida evolução do quadro. Iniciou-se tratamento com amoxicilina com clavulanato de potássio, dosagem de 12,5 mg/Kg, BID, durante 10 dias, hidrogel com alginato de cálcio aplicada diariamente na lesão, em seguida realizou-se curativo para manter a umidade da ferida, medida que favorece a cicatrização. Na semana seguinte, a orelha foi removida cirurgicamente por meio de desbridamento e a ferida apresentava tecido de granulação ao redor e necrose central com exposição da bulha timpânica e do osso occipital. Foi realizado desbridamento cirúrgico e remoção de todo tecido necrosado. Aos 14 dias a ferida apresentava boa evolução cicatricial, em fase de proliferação, com tecido de granulação e osso occipital menos aparente. Na mesma ocasião, foi recomendada troca da substância tópica para pomada a base de clorexidina (Furanil®), aplicada diariamente na lesão, mantendo curativo. Com 21 dias a ferida apresentava significativa redução com boa cicatrização, tecido de granulação exuberante recobrando o osso occipital e bordas em retração. Houve completa cicatrização no 28º dia. O tratamento de feridas cutâneas em gatos é um desafio, sendo fundamental o conhecimento relacionado a cicatrização para o manejo correto da ferida, neste relato o protocolo utilizado revelou-se eficaz e permitiu cicatrização completa da região.

Palavras-chave: Cicatrização; Felino; Necrose tecidual.

Bigeminismo ventricular em exame eletrocardiográfico de cão portador de cardiomiopatia dilatada: Relato de caso

Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹, Larissa de Almeida Plácido¹, Anna Clara Carvas Sant'Anna¹, Maria Fernanda Russo Muniz¹, Vivian Bertolozzi Ramacciotti¹ & Mário dos Santos Filho²

1Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O bigeminismo ventricular é definido como uma extra-sístole ventricular, na qual após um complexo eletrocardiográfico normal, surge um complexo QRS alargado e com morfologia distinta, sendo que a principal causa desse tipo de arritmia nos cães é a intoxicação por digitálicos e desequilíbrios eletrolíticos. Contudo, a insuficiência cardíaca, quando instalada, também pode levar ao bigeminismo ventricular. Foi atendido, em uma clínica particular do Município de Resende, uma cadela, da raça labrador, com 8 anos, pesando 45kg, com histórico de taquipneia. Ao exame físico a ausculta cardíaca revelou sopro holossistólico em foco mitral e tricuspíde grau II-III/VI. O animal apresentava-se alerta, temperatura retal 38,5°C, normohidratado, mucosas normocoradas, tempo de preenchimento capilar discretamente aumentado e normotenso. Exames hematológicos e bioquímicos apresentavam-se sem alterações. Na avaliação eletrocardiográfica, ficaram evidenciados extra-sístoles ventriculares, onde estavam intercaladas por um conjunto de ondas normais, caracterizando o bigeminismo. No exame ecocardiográfico foi observado diminuição discreta da fração de encurtamento e dilatação discreta de câmaras ventriculares, mas já indicando fenótipo de fator dilatação. Para esse caso em particular, o tratamento instituído para arritmia foi amiodarona na dose de 10 mg/kg a cada 12 horas, na primeira semana. Foi prescrito, ainda, pimobendan, na dose de 0,3 mg/kg, a cada 12 horas, para uso contínuo. Passados 7 dias, foi reduzida a dose da amiodarona para 5mg/kg, a cada 12 horas, sendo repetido o eletrocardiograma e evidenciando normalização do traçado eletrocardiográfico. No relato de caso descrito, a presença de extra-sístoles alternadas com complexos QRS normais caracteriza e evidencia a presença do bigeminismo ventricular, que pode ser confirmado pela causa base de insuficiência cardíaca e pelo adelgaçamento das miofibrilas cardíacas, promovendo um desarranjo do aparato do sistema de condução dos impulsos elétricos cardíacos. Acredita-se que o bigeminismo tenha se originado de um distúrbio na condução elétrica do coração, causando alterações na origem do impulso, caracterizando um episódio de reentrada. De modo categórico, o tratamento com amiodarona e pimobendan foi capaz de dar fim a arritmia e estabilizar a paciente, melhorando a disposição física e saúde do animal, além de permitir que a paciente realizasse atividades físicas com mais frequência.

Palavras-chave: Antiarrítmico; Arritmia; Cão idoso; ICC.

Tumor venéreo transmissível em paciente canina sem fatores de risco de contágio: Relato de caso

Michelle Santos¹, Lays da Silva Mendes¹, Sabrina Pabla de Souza dos Santos¹ & Mário dos Santos Filho²

1Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O Tumor Venéreo Transmissível (TVT) canino é uma neoplasia contagiosa, que acomete, principalmente, na mucosa genital externa dos cães, todavia, podem ser encontradas em locais atípicos. Essa neoplasia caracteriza-se por células redondas, de núcleos arredondados e corados por hematoxilina. Os sinais clínicos envolvem a formação vegetativa das mucosas, em forma de “couve-flor”, com congestão e possibilidade de sangramentos. O tratamento envolve seções de quimioterapia a base de vincristina semanal, a depender de cada protocolo. O presente trabalho tem por objetivo relatar um caso raro de TVT em uma cadela da raça buldogue francês, com 5 anos e não castrada, que, segundo o tutor, não tinha acesso à rua, contactantes e com rotina de vacinação e vermifugação em dia. A cadela apresentava edemaciação de vulva e sangramento. O diagnóstico foi realizado por meio dos achados físicos e de exame citológico da lesão com *swab* e *imprinting*. Chamou atenção a contaminação sem que antes houvesse contato com outro animal, mesmo que assintomático. O animal foi encaminhado para um especialista em oncologia, que optou pelo tratamento quimioterápico associado a suplementação vitamínica devido aos efeitos da quimioterapia. O animal apresentou resposta positiva ao tratamento com regressão da edemaciação e do sangramento. A literatura aponta que a transmissão de TVT entre um canino portador dessa neoplasia e outro susceptível ocorre durante o coito, brigas e/ou interações como lambedura. Entretanto, nesse caso o animal foi contaminado sem que houvesse algum tipo de contato com outro cão portador de TVT. Esta evidencia, ressalta a importância de estudos que possam indicar outros fômites, como veiculadores do TVT em pacientes sem critérios de risco para o contágio. Este dado, a contaminação sem contato, enfatiza a possibilidade de contaminação via contato indireto. Baseado no histórico clínico/anamnese, que em primeiro momento não se suspeitou da possibilidade de transmissão, devido ao histórico apresentado pelo tutor, no primeiro momento não se suspeitou da possibilidade de TVT. Todavia, é importante incluir o TVT no diagnóstico diferencial de animais com lesões sugestivas, incluindo aqueles sem acesso à rua e sem contato com animais acometidos.

Palavras-chave: Canino; Fômites; Neoplasia; TVT.

Tratamento e controle do *Diabetes Mellitus* tipo I em paciente canino com manejo multimodal: Relato de caso

João Felipe Halfeld Carraca¹; Lívia Thurler Pires¹; Pamella Cerdeira Gomes Serrazine Ramos¹; Pedro Henrique Fonseca Ramalho Wigand¹ & Mário dos Santos Filho²

1Discente do curso de Medicina Veterinária - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A Diabetes Mellitus (DM Tipo 1) é a forma mais prevalente em cães, caracterizada por níveis elevados de glicose no sangue devido à produção insuficiente ou ausente de insulina ou à sua ineficácia nos tecidos. Implicando fatores genéticos e dieta inadequada, sua reversão é inabitual. O tratamento requer manejo do paciente e o uso imprescindível de insulina, diariamente. O presente relato descreve o caso clínico de um paciente canino, portador de DM, com remissão dos sinais, após estabelecido manejo multimodal e suspensão de insulina pelo tutor. Foi atendido, um paciente canino, poodle, 12 anos de idade, com histórico de poliúria, polidipsia, perda de peso e polifagia. O paciente possuía Escore de Condição Corporal (ECC) 6/9. Na avaliação física, o animal apresentou os parâmetros dentro da normalidade. Na dosagem da glicemia o animal apresentou aumento do nível circulante com valor de 160 mg/dL. Com o histórico e a dosagem de hiperglicemia, mesmo tendo se alimentado há mais de 6 horas, suspeitou-se de DM e solicitou-se avaliação de Elementos Anormais do Sedimento (EAS), sendo a amostra de urina coletada via cistocentese e evidenciando glicosúria de 4 cruzeiros. Estabeleceu-se o protocolo de uso com insulina recombinante humana (NPH), duas vezes ao dia após cerca de 30 minutos da refeição na dosagem de 0,5 UI/Kg, por via subcutânea. Além disso, optou-se pela troca de ração terapêutica e exercícios regulares. Foi realizada curvas glicêmicas, e constatado que o protocolo estava ajustado. Passados 6 meses, em um retorno, o tutor mencionou que suspendeu a insulina, por dificuldade de administração, mas manteve as outras orientações. Em novos exames, constatou-se glicemia e urinálise sem presença de glicose. Para fins de constatação, foi dosada frutossamina, sendo seus valores dentro do referencial. A reversão do quadro de diabetes mellitus é incomum na rotina veterinária, podendo estar associada a outra doença concomitante, como fator de risco. Quando ocorre, geralmente está associada à DM do Tipo 2, condição relacionada a idade avançada, sedentarismo e sobrepeso, por vezes sendo temporária. No que diz respeito aos casos de DM do tipo 1 a literatura sugere que a remissão é extremamente rara, principalmente nos caninos, podendo esta afirmação não ser reportada e sim relacionada a comorbidades. Considerando a excepcionalidade do caso, o acompanhamento periódico do paciente é essencial e a indicação do manejo, mesmo sendo rara a remissão, de toda forma contribuiu para possível controle da causa concomitante. Entretanto, este relato abre precedentes para pesquisas sobre a remissão da Diabetes Mellitus tipo I em cães.

Palavras-chave: Endocrinopatia; Glicosúria; Hiperglicemia; Insulina; Pequenos animais.

Ectoparasitas em Equinos: Percepção dos criadores sobre afecções transmitidas e o controle de carrapatos no Estado do Rio de Janeiro

Lucas Gomes Salvado¹; Heitor Drumond Guelber¹; Ana Paula Martinez de Abreu²; Letícia Patrão de Macedo Gomes³; Renata Fernandes Ferreira de Moraes² & Erica Cristina Rocha Roier²

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

3Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Os protozoários *Theileria equi* e *Babesia caballi* (ordem *Piroplasmida*), e a bactéria *Anaplasma phagocytophilum* (ordem *Rickettsiales*) estão entre os principais hemoparasitas em equinos, transmitidos através do parasitismo por ectoparasitas hematófagos, como os carrapatos *Dermacentor nitens* e *Amblyomma sculptum*. Essas enfermidades causam significativas perdas econômicas a equinocultura, gerando custos com tratamento, quedas de desempenho e fertilidade, abortos e morte. Desta forma, por meio de um questionário online, aplicado pelo aplicativo Google Forms® e submetido ao CEP 6.017.954, sendo coletado as respostas de 24 criadores de equinos do estado do Rio de Janeiro, seguido da análise dos dados acerca das afecções transmitidas e o controle de carrapatos empregado nas propriedades. Sobre a afecções transmitidas pelo parasitismo dos carrapatos, 15 dos entrevistados (62,5%), reconhecem Theileriose, Babesiose, e Anaplasmosose como afecções transmitida pelo repasto de carrapatos; 7 (29,2%) somente a Babesiose; 1 (4,2%) somente a Anaplasmosose; e um entrevistado não soube responder. Quanto a frequência de controle do carrapato *D. nitens*, 9 (37,5%) realiza o controle de 30 em 30 dias; 8 (33,3%) em intervalos de 21 dias; 4 (16,7%) de 3 em 3 meses; 2 de 6 em 6 meses e um apenas uma vez ao ano. Enquanto o controle *A. sculptum*, 12 (50%) de 30 em 30 dias; 5 (20,8%) em intervalos de 7 a 10 dias; 4 (16,7%) de 3 em 3 meses; dois de 6 em 6 meses; e um de 2 em 2 meses. Intervalos entre 7 a 10 dias e menores que 21 dias são utilizados em estratégias de controle *A. sculptum* e *D. nitens*, respectivamente, interrompendo o ciclo de vida desses ectoparasitas. No entanto, intervalos superiores entre as aplicações de carrapaticidas permitem que os carrapatos realizem o repasto sanguíneo e sofram ecdise ou completem seu ciclo de vida, possibilitando a manutenção desses vetores nas pastagens e, conseqüentemente, a transmissão desses hemoparasitas. Desta forma, o emprego de formas de controle estratégicos nas propriedades se valendo do ciclo biológico e tempo de vida parasitária desses ectoparasitas, são fundamentais para um controle eficiente dos carrapatos e das afecções transmitidas por estes, reduzindo perdas econômicas e garantindo o bem-estar dos equinos.

Palavras-chave: *Amblyomma sculptum*; Cavalos; *Dermacentor nitens*; Equinocultura; Hemoparasitas.

Herniorrafia em um exemplar juvenil de Ouriço-cacheiro (*Coendou spinosus*): Relato de caso

Marina Lima Gianastacio¹; Alessandra Soares Nunes Tovar Elias¹; Fernanda Honorato de Paula Neves²; Larissa de Almeida Plácido³; Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino³ & Luiz Otávio Velloso de Souza¹

1Médico(a) veterinário(a) Autônomo(a), Vassouras-RJ.

2Médica Veterinária do Hospital Veterinário da Clínica Escola Barreiros - Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

3Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

O Ouriço-cacheiro (*Coendou spinosus*) é um roedor nativo de diversas regiões da América do Sul, com hábitos arborícolas e alimentação estritamente herbívora. Indivíduos adultos podem variar de tamanho de acordo com sexo e habitat, podendo pesar de 2 a 5 kg e atingindo uma média de 30 a 60 cm de comprimento. O presente relato, tem como intuito apresentar um caso de herniorrafia em um Ouriço-cacheiro atendido no hospital veterinário da Universidade de Vassouras, estado do Rio de Janeiro. Um exemplar juvenil de Ouriço-cacheiro, macho, não castrado, proveniente de vida livre, pesando 1,100 kg deu entrada para atendimento com queixa principal de prostração e dificuldade de se locomover. Visando avaliar o estado geral do paciente e a realização de exames complementares, foi necessária sedação utilizando associação de acepromazina (0,5 mg/kg) com cloridrato de tramadol (5 mg/kg), administrados por via subcutânea. Durante o exame clínico foi constatado aumento abdominal, presença de perfurações compatíveis com dentição de canídeos e abscesso em membro posterior esquerdo. Além disso, o paciente apresentava grau leve de desidratação, mucosas hipocoradas e presença de ectoparasitas. Na radiografia foi possível confirmar o diagnóstico de hérnia inguinal, onde foi perceptível a presença de alças intestinais. O exame ultrassonográfico foi realizado com o intuito de avaliar a motilidade intestinal, descartando também o encarceramento de outros órgãos dentro do saco herniário. O paciente recebeu os primeiros cuidados como controle de ectoparasitas com ivermectina (0,2 mg/kg) via subcutânea, fluidoterapia com ringer lactato (50 ml/kg) via subcutânea, além de dieta equilibrada e suplementação vitamínica com hemolitan pet, visando maior segurança ao ser encaminhado para o procedimento de correção cirúrgica. Como medicação pré-anestésica foi utilizado acepromazina (0,5 mg/kg) no acuponto Yin Tang, sendo a indução realizada com administração de cloridrato de cetamina (40 mg/kg) associado a cloridrato de dexmedetomidina (0,5 mg/kg) via intramuscular, bloqueio local da linha de incisão com lidocaína 2% e manutenção anestésica com isoflurano 0,6%. Hérnias de origem traumática ocorrem com frequência no atendimento de animais domésticos, sendo a casuística, também presente na rotina de animais silvestre provenientes de vida livre, ainda mais quando há interações entre espécies.

Palavras-chave: Animais silvestres; Cirurgia abdominal; Fauna brasileira; Roedores.

Microfilaríuria em paciente canino de região endêmica para dirofilariose: Relato de caso

Tiago Figueiredo Guedes¹, Emilyly de Souza Oliveira¹, Heloísa Helena Silva da Cruz¹, Júlia de Souza Pontes Barbosa¹, Raphaella Fernandes Coelho² & Mário dos Santos Filho³

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

3Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ..

Resumo

Cães domésticos são os principais animais de companhia acometidos pela dirofilariose, doença causada pelo nematódeo *Dirofilaria immitis*, verme que se aloja no ventrículo direito do coração e se reproduz nas artérias pulmonares, liberando microfílarias na corrente sanguínea. É transmitida por mosquitos como *Aedes spp.*, *Anopheles spp.* e *Culex spp.*, e no Brasil, a prevalência é em regiões litorâneas. As microfílarias circulantes causam lesões no endotélio vascular e obstruem o fluxo sanguíneo causando congestão vascular. As microfílarias podem, ainda, causar danos a outros tecidos através de migrações erráticas, podendo chegar a capilares glomerulares e causar glomerulonefrites. As manifestações clínicas variam de acordo com a carga parasitária do hospedeiro podendo variar de assintomáticas a dificuldades respiratórias, tosse e letargia. Foi atendido, um paciente canino, SRD, macho, com 7 anos de idade, residente da região de Angra dos Reis. O paciente não apresentava alterações clínicas, mas realiza exames de rotina para monitoração de doença renal crônica. Em sua última urinálise, foi detectada presença de microfílarias durante a microscopia. Baseando-se ainda em se tratar de região endêmica, foi realizado teste rápido para pesquisa de antígenos e detectada positividade para *D. immitis*. Foi iniciado protocolo terapêutico e, passados 3 meses em nova coleta de urina, não foram verificadas microfílarias na mesma. A literatura relata a ocorrência rara de microfílarias fora da sistêmica circulatório, entretanto, este caso reforça a atenção para a possibilidade de ciclos erráticos, bem como a possibilidade de, nos casos de alta carga parasitária, ocorrer saturação dos endotélios em nível renal, permitindo a passagem via glomérulo. Epidemiologicamente, em se tratando de região endêmica, a possibilidade de testes que possam detectar a afecção de forma precoce, pode ser instituída. Atenta-se ao fato do paciente possivelmente ter dano renal que facilitasse a presença do agente na urina, uma vez que era portador de DRC. Desta forma, pela pouca casuística de identificação de microfílarias no exame de urina de cães, o presente relato reforça a importância do diagnóstico clínico baseado nos achados laboratoriais mesmo que atípicos, para investigação de possibilidades quanto ao ciclo e especificidades do ciclo biológico, antes não conhecidas.

Palavras-chave: *Dirofilaria immitis*; Parasitose; Sistema urinário; Zoonose

Osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO) para tratamento de insuficiência ligamento cruzado cranial em cão: Relato de Caso

Lucas Baptista Motta¹; Lucas Vasconcelos da Silva Bernardino¹; Kaio Rodrigues Pires Camargo da Silva¹; Igor Braz Righi¹ & Ana Carolina de Souza Campos²

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do curso de Graduação em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A articulação femorotibiopatelar se dá pelo contato do fêmur “se apoiando” no platô tibial e a patela repousada sob o sulco troclear. Entretanto, a área de contato da tíbia canina com o fêmur é inclinada, tendo cerca de 24 a 30 graus, ou seja, um plano inclinado, cuja inclinação desloca a tíbia cranialmente em decorrência das forças aplicadas sob o membro, estressando o ligamento cruzado cranial (LCCr), cuja principal função é limitar o movimento da tíbia em sentido cranial. Foi atendido um canino macho da raça American Staffordshire Terrier, castrado cuja queixa principal era claudicação intermitente do membro posterior direito. Diante da suspeita de insuficiência do LCCr, o animal apresentou teste de gaveta e compressão tibial positivos em ambos os membros, o que sugeriu ruptura total do LCCr. Foi indicado abordagem cirúrgica bilateral por meio da TPLO, que objetiva corrigir o ângulo do platô, resultando num ângulo de cerca de 5o graus. Para a execução da cirurgia foi requisitado um hemograma, bioquímica, eletrocardiograma e radiografia dos joelhos e coxofemorais. Os exames de sangue e eletrocardiograma não apresentaram alterações relevantes, os achados radiográficos de ambos os joelhos indicaram insuficiência bilateral do ligamento cruzado cranial, associado a doença articular degenerativa femorotibiopatelar. O procedimento cirúrgico foi planejado por meio de cálculos baseados nas imagens radiográficas, a fim de determinar a rotação necessária para atingir o ângulo desejado, o raio da serra utilizada, os pontos de referência para a osteotomia e a placa a ser escolhida para a fixação. Foi realizada uma incisão medial proximal da tíbia, que permitiu acesso ao platô, em seguida o osso foi cortado por meio de uma serra oscilatória circular, a seguir, um pino foi inserido no platô para permitir sua rotação; após isso, um segundo pino foi inserido atravessando ambos os segmentos de forma a estabilizar a nova posição e permitir a instalação da placa. Após aplicação da placa, o pino anti-rotacional foi removido. Tal procedimento foi realizado em ambos os membros. O paciente se recuperou bem das cirurgias e o novo ângulo do platô tibial bilateral permitiu que os joelhos fossem estabilizados, impedindo o deslocamento da tíbia.

Palavras-chave: Cirurgia; Ligamento cruzado; Ruptura.

Miosite dos músculos faciais em paciente canino após a realização de mastectomia e ovariectomia: Relato de caso

Nicole Mattos de Souza Muniz¹; Emanuelle Carvalho Guerra Carneiro¹; Ellen Caroline Costa Candido¹; Pamella Cerdeira Gomes Serrazine Ramos¹; Eduardo Butturini de Carvalho² & Mario dos Santos Filho²

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A miosite é uma afecção que atinge diversos músculos do corpo e pode ocorrer a partir de um processo inflamatório, este associado a uma doença autoimune, infecção ou trauma. Na sua forma facial, a miosite de forma aguda é caracterizada por dor nos músculos mastigatórios, edema e exoftalmia, e a crônica apresenta atrofia dos músculos mastigatórios e enoftalmia. Seus sinais clínicos são a dor, fraqueza muscular progressiva, febre, perda de peso, dispneia, disfagia e dificuldade de realizar movimentos que dependem do músculo ou grupo muscular da região afetada pela inflamação, como a abertura de cavidade oral e latidos, nos casos da miosite de músculos mastigatórios. O diagnóstico definitivo pode ser estabelecido pela biópsia muscular, mas o diagnóstico clínico pode sugerir fortemente o diagnóstico. O tratamento é realizado à base de corticosteroides e mudança do manejo do paciente como alimentos líquidos e pastosos. Foi atendida uma cadela, sem raça definida, de aproximadamente 12 anos, 20kg, que passou por procedimento recente de mastectomia e ovariectomia. Passados 15 dias do procedimento, foram notados hiporexia, engasgos e perda de massa muscular lateral da face direita. Foi observada evidente enoftalmia e perda da musculatura na região temporal, zigomática e maxilar direita. Os demais parâmetros clínicos e os exames hematológicos e bioquímicos (TGP, TGO, FA, uréia e creatinina) estavam dentro da normalidade. Realizou-se a radiografia de crânio e coluna, sendo observados somente osteófitos em vértebras lombares. O diagnóstico presuntivo foi de miosite facial unilateral. Foram prescritos: prednisona (2 mg/kg, BID), tramadol (2 mg/kg, BID), carnitina (1000mg SID) e ômega 3 (1000mg/SID). Decorridos 21 dias a paciente retornou apresentando melhora na disposição física, redução dos episódios de engasgos e recuperação parcial da massa muscular e tônus da mandíbula, conseguindo abrir a boca. Em ambas cirurgias a paciente foi medicada com enrofloxacin. Apesar dos efeitos indesejados deste fármaco em cães serem incomuns, transtornos gastrointestinais leves podem ocorrer. Neste caso, a paciente apresentou hiporexia e engasgos frequentes após a recuperação cirúrgica. Existem relatos de reações de hipersensibilidade associadas à enrofloxacin. Uma das hipóteses levantadas foi uma manifestação atípica de farmacodermia, apesar de não terem sido observadas reações cutâneas. Uma segunda hipótese seria a queda da imunidade da paciente após os procedimentos, por se tratar de intervenções cirúrgicas invasivas, contribuindo para resposta autoimune na musculatura da face. A miosite é uma doença imunomediada, o que nos leva a crer que com a queda de imunidade, acarretada pela mastectomia e ovariectomia, aliada ao potencial efeito adverso da enrofloxacin, transcorreu em miosite de músculos da face, atentando aos futuros clínicos com atendimentos similares, às evoluções atípicas desta afecção.

Palavras-chave: Atrofia; Imunomediada; Cães; Musculatura.

Uso de óleo ozonizado e técnica de bag com aplicação direta de ozônio, como adjuvante no tratamento de feridas em equino:

Relato de caso

Piettra Bárcia Alves Rechuem¹; Monique Prado Vasconcellos¹; Ingrid Torres Garbin¹; Helena Bianco Rosas¹; Mário dos Santos Filho² & Erica Cristina Rocha Roier²

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Terapias integrativas vem sendo cada vez mais utilizadas na Medicina Veterinária. A ozonioterapia utiliza uma mistura de oxigênio-ozônio, mediante a passagem de oxigênio puro por uma descarga elétrica de alta voltagem e alta frequência. Quando introduzida no organismo, o ozônio melhora a oxigenação e o metabolismo. Além disso, possui propriedades bactericidas, fungicidas e viricidas, melhora a circulação nos capilares, ativa enzimas e gera peróxidos hidrófilos que estimulam a liberação de oxigênio nas células, promovendo a regeneração. A ozonioterapia também reduz a agregação plaquetária, age como anti-álgico e anti-inflamatório. O presente trabalho tem como objetivo relatar o caso de um equino, fêmea, quarto de milha, de 3 anos de idade e 350kg, onde a mesma apresentava ferida aberta edemaciada e lesão com fratura na região metacarpal do membro pélvico direito. Importante ressaltar que o animal apresentava-se sem alterações no exame físico. Foi instituído o uso de 10 ml de benzilpenicilina procaína, SID, IM, associado a ozonioterapia por meio de óleo de girassol ozonizado em uma faixa de 60mcg/ml por 10 minutos, e uso de “bags” presas ao corpo do animal, para que o gás pudesse se manter contido apenas no local da ferida, uma vez por semana. O tratamento durou cerca de 5 semanas até o fechamento total da ferida. A cicatrização com o uso do ozônio ocorre devido difusão da oxigenação e liberação de radicais livres, além auxiliar no processo de re-epitelização. Em ferida aberta, o efeito da ozonioterapia, seja pela técnica de bag ou uso de óleos, é eficaz e gera a cicatrização em intervalos médios de 30 dias, conforme o caso, sendo que, anteriormente à aplicação, é primordial a higienização e umidificação com soro fisiológico. Dessa forma, o ozônio colaborará para promover oxigenação na região prejudicada e efeito bactericida e fungicida, além de estimular a circulação, de forma que o tecido da epiderme possa passar pelos estágios da cicatrização: inflamação, granulação e maturação. Apesar de ser amplamente discutido, o uso da terapêutica mostra importante adjuvante, sendo valorizada por diversos profissionais da área, já que quando comparada a outras formas de tratamento, possui baixo custo e de fácil acesso.

Palavras-chave: Adjuvante; Cicatrização; Medicina integrativa.

Síndrome da angústia respiratória aguda em um felino de 4 anos: Relato de caso

Hanna Barbosa Pinheiro¹; Gabriela da Rocha Brochado¹; Isadora Funayama da Rocha¹; Eduardo Butturini de Carvalho² & Mário dos Santos Filho²

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A síndrome do desconforto respiratório agudo (SARA) é uma resposta inflamatória que ocorre por lesão direta ou indireta aos pulmões, resultando em insuficiência respiratória aguda, causando prejuízo à hematose. O diagnóstico pode ser por meio da mensuração da razão $\text{PaO}_2/\text{FiO}_2$, e radiografia torácica. O presente relato objetiva-se informar a ocorrência de SARA em felinos. Um gato macho da raça persa, com 4 anos de idade, 5kg e castrado, foi atendido em uma clínica em Resende-RJ, com histórico de tosse alta e sonora, improdutiva, noturna e intermitente, notados após ida ao banho e tosa. O paciente já possuía comorbidade para doença brônquica felina. No exame físico geral notou-se, dispneia, narinas com esforços expiratório e dilatadas, posição ortopnéica e apatia. Durante avaliação foi observado pulso hipercinético, pressão arterial de 160 mmHg, percussão pulmonar com som hipersonoro a submaciço. No exame específico constatou-se crepitação em campos crânio-ventrais esquerdo e direito. Foi realizada T-FAST, sugerindo afecção do parênquima pulmonar. Além disso, realizou-se $\text{PaO}_2/\text{FiO}_2$ com resultado menor que 200, confirmando SARA. Foi prescrito tratamento com oxigenoterapia via máscara, hidrocortisona na dose de 1mg/kg, via endovenosa, nebulização com gentamicina e uso da associação de salmeterol e fluticasona, via aerossolização. O paciente manteve-se internado por três dias com alta após melhora do quadro de hipoxemia e alimentação voluntária. Conforme evidências da literatura, a piora do quadro de angústia, pode ter início súbito após exposição a materiais alérgenos e irritantes, além de estresse, conforme o presente paciente, onde ficou exposto a perfumes e partículas em suspensão do ambiente de banho e tosa. O tratamento emergencial, conforme confrontam alguns autores, deverá ser embasado na desobstrução de vias aéreas, e oferta de oxigênio, conforme evidenciado no caso que, para fins de controle da inflamação e edema não-cardiogênico, instituiu-se glicocorticóides. A doença prévia, além da definição dos valores fração inspirada, revelam importantes parâmetros introduzidos como requisito no diagnóstico de SARA. Baseado nas particularidades fisiológicas e de gatilhos que possam levar o quadro de SARA em felinos, mais estudos podem ser realizados a fim de se obter protocolos precisos nas condutas terapêuticas e emergenciais.

Palavras-chave: Síndrome da angústia respiratória aguda; parênquima pulmonar; doença brônquica.

Uso do antiviral GS-441524 no tratamento de PIF em felino doméstico: Relato de caso

Milena de Oliveira Cruz¹; Adrielli Reis de Almeida¹; Manuella Fonseca Mazzoto¹; Paula Gonfinetti Cukier²; Maria Luiza Braz³ & Mário dos Santos Filho⁴

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

3Médico(a) veterinário(a) Autônomo(a), Volta Redonda-RJ.

4Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A Peritonite Infecciosa Felina (PIF) é uma doença viral sistêmica causada pelo coronavírus felino entérico (FCoV) na forma mutada (PIFV), geralmente a PIF possui curso fatal. Animais jovens e semi-domiciliados são mais suscetíveis à infecção, principalmente nos casos de FIV e FeLV concomitante. A doença pode manifestar-se na forma efusiva e não efusiva, sendo a forma efusiva caracterizada pelo acúmulo de exsudato na cavidade torácica e/ou abdominal. Devido à ausência de sinais patognomônicos, diagnosticar a PIF é um desafio para muitos médicos veterinários. Atualmente o tratamento é realizado com administração de imunossuppressores e imunomoduladores, entretanto, estudos experimentais com antivirais têm apresentado bons resultados. Foi atendido em uma clínica veterinária do município de Volta Redonda-RJ um felina de 1 ano, SRD, pesando 2,3kg que apresentava dispneia e hipertermia. Durante a ausculta respiratória foi evidenciado abafamento dos ruídos pulmonares, confirmando efusão pleural por meio do T-FAST. Foi retirado através da toracocentese um volume total de 300 mL da cavidade torácica e a amostra foi enviada para análise citológica, além de PCR para detecção do FCoV. Também foram realizados testes imunocromatográficos de FIV e FeLV aos quais o animal não foi reagente. Com resultado positivo no PCR e presença de exsudato evidenciado na análise citológica, foi estabelecido o diagnóstico de PIF. De forma independente os tutores do buscarem informações sobre tratamentos alternativos com antivirais, e passaram a administrar 0,4 ml/kg do antiviral GS-441524 via subcutânea durante 84 semanas, além de acompanhamento mensal com exames laboratoriais. Antes de iniciar o tratamento, o hemograma evidenciou leucocitose, trombocitopenia e hiperproteinemia. Após o primeiro mês do uso do medicamento os níveis de leucócitos e plaquetas foram normalizados, e, no segundo mês, o animal apresentou níveis normais de proteínas totais e frações. Além disso, o paciente apresentou ganho de peso e os tutores relataram que o animal teve comportamento mais ativo já nas primeiras semanas de tratamento. Atenuando a replicação viral, o GS-441524 tem se mostrado eficaz no tratamento da PIF promovendo melhora progressiva dos sintomas e devolvendo qualidade de vida para o animal.

Palavras-chave: Coronavírus felino; Efusão exsudativa; Imunossupressão.

Dirofilariose em felino de 6 anos de idade: Relato de caso

Michelle Louise do Carmo Paresque¹; Kaio Rodrigues Pires Camargo Silva¹; Marcella Larissa de Almeida Costa¹; Marina Leal Figueiredo Balthazar¹; Carine Cristine da Costa Ribeiro Ramos¹ & Mário dos Santos Filho².

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Os nematóides *Dirofilaria immitis* são os agentes etiológicos da dirofilariose. O gato e o humano podem ocasionalmente atuar como hospedeiros. No entanto, os cães são os hospedeiros definitivos e de eleição para o desenvolvimento do ciclo biológico. A prevalência da dirofilariose felina no Brasil é baixa, com cerca de 4,8% estando mais associadas aos felinos que residem em regiões endêmicas e principalmente com contactantes caninos portadores. Poucos gatos são suscetíveis à infecção, e há menor incidência ainda em se tratando de adultos, devido sua capacidade de manter-se assintomático e encapsulamento do agente. Além disso, apenas 20% dos gatos apresentam microfilaremia. As manifestações clínicas em felinos infectados por *D. immitis*, quando presentes, envolvem a presença de tosse e dispneia. Foi atendido, um paciente felino, macho, de 6 anos de idade, no município de Angra dos Reis - RJ, para fins de consulta de rotina. O paciente apresentava-se sem sinais clínicos reportados pelos tutores, se alimentando normalmente e com parâmetros clínicos dentro da normalidade durante exame físico. Os tutores relatam que o felino convive com três cães, todos portadores, mas em início de tratamento para dirofilariose. Baseado nesta informação, foi indicado realizar teste para pesquisa de antígenos, sendo o mesmo positivo. O teste para pesquisa de microfilárias circulantes, foi negativo. Iniciou-se quimioprofilaxia a base de moxidectina. Como na maior parte da literatura, gatos tendem a ser assintomáticos e afillarêmicos, conforme o paciente do presente relato. Muito provavelmente por conta da atividade do sistema imune para debelar o processo e curso ativo do ciclo biológico. A positividade para antígenos, é uma importante informação relacionada por alguns autores, principalmente nos pacientes com potencial veiculador da afecção, decorrente a natureza insidiosa desta doença nos felinos. Felinos adultos e em convívio direto com cães portadores podem ser parasitados, e os sinais clínicos irão variar de acordo com a capacidade do sistema imune e resistência do hospedeiro, como já demonstrado em literatura recente. Desta forma, a dirofilariose em felinos demonstra a importância para pesquisas e levantamentos epidemiológicos, principalmente de pacientes moradores de áreas endêmicas, mesmo que assintomáticos.

Palavras-chave: Assintomáticos; Gatos; Microfilaremia; Verme do coração.

Deficiência de cálcio e fósforo na dieta de galinhas de postura: Relato de caso

Júlia Matheus de Avellar Ribeiro¹; Manoela Carvalho Villa¹; Bárbara Katagi Nogueira Cassano¹; Ramon Loureiro Pimenta² & Gabriela Vieira do Amaral³

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ.

3Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Os minerais e vitaminas são micronutrientes fundamentais no desempenho produtivo das aves. O cálcio e o fósforo são responsáveis pelo desenvolvimento ósseo e formação da casca do ovo. As galinhas poedeiras modernas demonstram alta sensibilidade às variações nos níveis nutricionais na dieta, tornando o acompanhamento do volume de postura um importante indicador de deficiência. O presente trabalho visa relatar o caso de redução de postura em uma propriedade de poedeiras comerciais, no norte Fluminense, com cerca de 2500 animais. Cerca de 50% do lote de recria apresentavam sinais clínicos, como prostração, apatia, desuniformidade de peso, malformação e amolecimento do bico. Os achados de necropsia revelaram fragilidade óssea a partir do deslocamento da cabeça do fêmur e lesão em rosário na articulação costochondral. Esses resultados levaram a uma suspeita clínica de deficiência nutricional de cálcio e fósforo. Uma análise visual da ração fornecida às aves revelou a ausência de calcário, uma fonte importante desses minerais, resultando em queda gradual na taxa de postura, diminuindo de 60% a 85%. O protocolo adotado incluiu a reformulação da ração, o que levou a um aumento na produção para 80%. Muitos estudos publicados mostram semelhanças com relação a este caso, destacando a importância de revisar os conceitos nutricionais ao formular dietas específicas para galinhas poedeiras.

Palavras-chave: Cálcio; Deficiência nutricional; Fósforo; Galinhas poedeiras; Minerais.

Fratura patológica de mandíbula em paciente canino portador de doença periodontal grave: Relato de caso

Marcela Magno dos Reis Barcelos¹; Kaio Rodrigues Pires Camargo Silva¹; Michelle Louise do Carmo Paresque¹; Arthur Santos Monteiro¹; Júlia Matheus de Avellar Ribeiro¹ & Mário dos Santos Filho²

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

As doenças periodontais são muito prevalentes na clínica de pequenos animais e, ocasionalmente, podem causar liberação de substância inflamatórias, retração gengival, reabsorção óssea e fraturas patológicas. Acomete principalmente caninos com idade superior a 8 anos. O presente relato tem por objetivo relatar o caso de um paciente com grave doença periodontal, que culminou em fratura de mandíbula. O paciente canino, com 8 anos de idade, foi atendido, para fins de avaliação clínica, após perda de apetite e emagrecimento. Posteriormente a inspeção da cavidade oral, observou-se doença periodontal importante, perdas de alguns dentes e frouxidão, ao toque da mandíbula. Outros sinais clínicos incluíram incapacidade de fechamento oral, ptialismo e piora da anorexia por três dias. O paciente foi submetido a exames radiográficos, que revelou perda de densidade óssea na maxila e mandíbula, além de descontinuidade óssea, característico de fratura, em porção média de mandíbula direita. O hemograma revelou anemia discreta e leucocitose, sem desvio a esquerda. Exames bioquímico e análise de eletrólitos descartaram a possibilidade de fraturas relacionadas a hiperparatireoidismo. A cirurgia foi realizada, com estabilização cirúrgica das fraturas por placa e parafuso médio. Como terapia adjuvante, realizou-se antibioticoterapia e dieta pastosa no pré e pós-operatório. Passados 1 mês do procedimento, a recuperação segue adequada, com melhora do apetite, ganho de peso e até disposição física. A inflamação crônica causada pela doença periodontal pode enfraquecer os ossos maxilares e mandibulares, tornando-os suscetíveis a fraturas mesmo sob estresse moderado. A cirurgia é uma abordagem eficaz para realinhar as partes fraturadas da mandíbula e promover a cura. No entanto, é essencial abordar a doença periodontal subjacente para prevenir futuras fraturas patológicas e complicações. Este caso destaca a importância da avaliação regular da saúde bucal em cães, especialmente em pacientes com doenças sistêmicas que podem afetar a densidade óssea, a fim de prevenir e tratar precocemente condições que ameaçam a integridade óssea e o bem-estar geral do animal. A cirurgia oral e maxilofacial é essencial na medicina veterinária para a restauração da saúde bucal e óssea dos cães, melhorando significativamente sua qualidade de vida, mas a prevenção a longo prazo exige a conscientização e métodos de escovação, além do tratamento da doença subjacente.

Palavras-chave: Cão; Correção cirúrgica; Fratura; Infecção.

Insuficiência cardíaca direita e esquerda, com associação de edema pulmonar e efusão abdominal, em canino de pequeno porte de 15 anos de idade: Relato de caso

Lays da Silva Mendes¹; Caio da Silva Afonso¹; Luana da Silva Costa¹; Milena de Oliveira Cruz¹; Bianca Affonso dos Santos Paiva² & Mário dos Santos Filho³

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

3Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A endocardiose é uma doença degenerativa das válvulas atrioventriculares, sendo mais acometida na válvula mitral do que na válvula tricúspide. Essa cardiopatia é mais frequente e clinicamente significativa em cães, principalmente idosos e de pequeno porte, podendo evoluir para insuficiência cardíaca congestiva (ICC). O resultado característico da ICC é a formação de edema pulmonar, quando ocorrida do lado esquerdo, ascite, sendo mais comum em cães de porte grande, e efusão pleural e pericárdica, quando acomete o lado direito do coração. Dessa forma, objetivou-se com este trabalho relatar um caso de um paciente canino, macho, não castrado, poodle, de 15 anos de idade, encaminhado para avaliação cardiológica, após queixa de tosse, prostração e aumento de volume abdominal. Ao exame físico, o paciente apresentou mucosas hipocoradas, doença periodontal moderada, teste de piparote positivo, e visível abaulamento de abdômen, com dispneia restritiva. A ausculta cardíaca revelou discreto ruído descontínuo fino, sopro holossistólico em foco mitral grau IV/VI e em foco tricuspídeo grau V/VI. Foi iniciada a drenagem de efusão cavitária, após uso de *scalp* em região abdominal há 2cm da cicatriz umbilical, sendo drenado o equivalente a 3 litros. O líquido de aspecto discretamente sanguinolento e sem odor característico, foi enviado para análise. Após drenagem, o paciente apresentou-se visivelmente mais disposto e com padrão respiratório normalizado. Foram prescritos furosemida na dose de 3mg/kg, espironolactona 1mg/kg, benazepril 0,5mg/kg e pimobendam 0,3mg/kg, todos duas vezes ao dia. A ocorrência da ICC nas válvulas mitral e tricúspide com quadro secundário de ascite mesmo que aconteça com mais frequência em cães de grande porte, também pode ser observada em animais de pequeno porte, e a drenagem abdominal é de extrema importância para trazer conforto imediato para o paciente. Dessa forma, ressalta-se a importância da avaliação cardiológica periódica aos pacientes mais susceptíveis à ICC, visando o diagnóstico precoce, para propiciar maior qualidade de vida aos pacientes.

Palavras-chave: Edema pulmonar; Efusão; Pressão hidrostática; Transudato.

Uso do aurímetro na avaliação hepática de bovinos em paralelo a dosagem de enzimas hepáticas

Olivia Soledade Junqueira Silva¹; Fernanda Eiras Nascimento¹; Piettra Bárcia Alves Rechuem¹; Carine Cristine da Costa Ribeiro Ramos¹; Laura Andrade de Oliveira¹ & Thiago Luiz Pereira Marques²

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

No decorrer dos anos e com crescente importância econômica, a preconização de uma produção de gado de qualidade tornou-se cada vez mais presente no cenário da pecuária mundial, onde foram acrescentados diversos mecanismos de monitorização na rotina da mesma, principalmente relacionados à saúde animal. A avaliação hepática é de fundamental importância para o produtor, visto que a mesma evidencia o estado do fígado, um importante órgão no papel da digestão, metabolismo e desintoxicação, envolvido em diversos sistemas influentes na homeostase corporal. Manejos não adequados às necessidades de cada raça, influenciam diretamente no resultado, onde a nutrição é um ponto muito importante, visto que, de forma inadequada interfere diretamente no fígado bovino, onde animais confinados dispõem de um alto consumo de concentrado, levando à acidose ruminal, no qual irá desequilibrar o pH do rúmen. O presente trabalho tem como objetivo fazer a avaliação por um estudo clínico e validação da utilização do aurímetro na identificação de animais no qual possam, potencialmente, apresentar problemas hepáticos. O Aurímetro é um dispositivo utilizado para medir a resistência elétrica de um determinado material, ganhando espaço na saúde devido à todas as suas funcionalidades da radiestesia, onde são utilizados campos energéticos para o trabalho. Utilizaremos um grupo de vacas da raça Nelore sem suspeita clínica, que terão passado por avaliação do aurímetro, sendo segregadas em dois grupos, onde o grupo 1 (G1) (n=21) apontados como positivos pelo mesmo e o grupo 2 (G2) (n=20) apontados como “saudáveis” sendo assim avaliada a comprovação do aumento de enzimas hepáticas em paralelo ao uso do aurímetro. Após serem avaliadas pelo aurímetro, os animais serão submetidos a exames AST (aspartato aminotransferase) e ALT (alanina aminotransferase), que mensuram essas atividades enzimáticas do fígado no sangue, refletindo o status da funcionalidade hepática.

Palavras-chave: Avaliação hepática; Aurímetro; Estudo clínico.

Prevalência da doença valvar degenerativa crônica mitral em cães atendidos em um serviço particular de cardiologia no período de janeiro de 2018 a julho de 2023

Caio da Silva Afonso¹; Juliana de Amorim Penha da Silva¹; Lana Costa de Queiroz¹; Lara dos Santos Gomes¹; Marcella Larissa de Almeida Costa¹ & Mário dos Santos Filho²

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Nesse estudo, foi avaliado o prontuário clínico de 356 caninos, machos e fêmeas de diferentes faixas etárias, atendidos no período de Janeiro de 2018 a Julho de 2023. O diagnóstico da DVDCM foi baseado no exame físico, radiográfico, eletrocardiográfico e ecocardiográfico, seguindo a ACVIM, 2018, para as diretrizes de classificação e tratamento dessa enfermidade. Não foram consideradas doenças concomitantes, dividindo cada paciente quanto ao tipo de consulta, não havendo repetição ou cruzamento de dados anteriores. Os achados da avaliação física associados a exames de imagem auxiliam na detecção de doenças cardíacas. O achado prévio das mesmas possibilita a introdução terapêutica para estabilização dos pacientes, objetivando melhorar a sobrevida dos mesmos. Dessa forma, 34% foram enquadrados no estágio B1, 54,6% no B2 e 10% no C. A idade majoritariamente acometida foi a partir dos sete anos, equivalente a 92 % dos animais. O estágio A inclui raças predisponentes à doença, mas sem modificações nos exames e sintomas, não sendo consideradas. A etapa D engloba os animais com necessidade de acompanhamento médico veterinário intensivo e internação. Portanto eles não foram contabilizados, pois o hospital não realiza funcionamento integral e se encontra num local de difícil acesso. Dentre as cardiopatias investigadas nos cães, a DVDCM é mais frequente. Devido à ativação do sistema compensatório (Sistema renina-angiotensina-aldosterona), os animais na maioria dos casos de DVDCM passam grande parte de suas vidas assintomáticos. Por possuir caráter degenerativo do folheto valvar, é comumente encontrada em idosos. Os achados dentro do levantamento apresentado corroboram com o descrito pelo autor, sugerindo um perfil epidemiológico e etário dos pacientes como sendo geriátricos e de pequeno porte. Esse estudo ressalta a importância da avaliação cardiológica periódica dos cães mais susceptíveis à DVDCM, visando o diagnóstico precoce com instituição de terapia, de acordo com ACVIM, para propiciar maior qualidade de vida aos pacientes e satisfação dos tutores.

Palavras-chave: Cães; Coração; Endocardiose da valva mitral; Senilidade.

Anafilaxia por múltiplas picadas de abelhas africanizadas em cão: Relato de caso

Carine Cristine da Costa Ribeiro Ramos¹; Adrielli Reis de Almeida¹; Ingrid Torres Garbin¹; Manoela Carvalho Villa¹; Mário dos Santos Filho² & Eduardo Butturini de Carvalho²

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

Desde a introdução das abelhas africanas no Brasil em 1956, acidentes envolvendo abelhas ocorreram tanto em áreas urbanas quanto rurais, criando populações africanizadas de abelhas híbridas agressivas. Sua picada pode causar reações locais e sistêmicas, incluindo reações cutâneas, anafilaxia e toxicidade sistêmica antes da morte. Reações tóxicas a picadas de abelhas em humanos, animais de companhia, animais de produção e animais selvagens são relatados esporadicamente. Sua picada pode causar reações locais e sistêmicas, incluindo reações cutâneas, anafilaxia e toxicidade sistêmica antes da morte. O objetivo deste artigo é descrever os aspectos clínicos e patológicos da resposta tóxica sistêmica em um cão submetido a ataque massivo de abelhas no município de Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil. Um canino SRD, macho, 10 anos de idade, estava no canil quando sofreu um ataque massivo por um enxame de abelhas. O cão apresentava edema, taquicardia, dispneia, desidratação severa, hipotermia, hematoquezia, mucosas congestionadas, icterícia e convulsões. O animal veio a óbito devido às suas condições críticas. Na necropsia, foram encontrados hemorragia subcutânea, hemotórax, hemopericárdio, congestão intestinal e pancreática e fígado congesto. Além disso, foram encontrados 21 insetos com morfologia compatível com *Apis mellifera* dispersos em região de esôfago e cavidade abdominal. A pele afetada apresentava ferrões inseridos, dissociação das fibras colágenas por edema e áreas multifocais de hemorragia. O cão apresentou alterações clínicas e hematológicas semelhantes às relatadas anteriormente para esta espécie, comumente observadas em anemia hemolítica e alterações teciduais. Danos decorrentes da resposta inflamatória aguda devido a múltiplas picadas de abelha. O número de ferrões inseridos na pele e o histórico médico são considerados importantes para estabelecer um diagnóstico presuntivo e para o tratamento imediato dos animais afetados, com uso de corticoesteróides e adrenalina. Com base nos achados clínico-patológicos, a toxicidade sistêmica em cães secundária à intoxicação por picada de abelha africana pode ser diagnosticada.

Palavras-chave: Anafilaxia; *Apis mellifera*; Artrópodes venenosos; Toxicologia.

Correlação dos achados clínicos de cães braquicefálicos, atendidos em um serviço particular de pneumologia veterinária

Luana da Silva Costa¹; Lays da Silva Mendes¹; Milena de Oliveira Cruz¹; Manuella Fonseca Mazzoto¹; Fabiana Bernardes Almeida Santos²; Debora Azevedo Borges³ & Mário dos Santos Filho⁴

1Discente do curso de Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

2Discente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

3Médico(a) veterinário(a) Autônomo(a), Angra dos Reis-RJ.

4Docente do Programa de Mestrado Profissional em Diagnóstico em Medicina Veterinária – Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ.

Resumo

A Síndrome do Braquicefálico (SB) em cães é caracterizada pela obstrução parcial das vias aéreas, levando a sintomas como ronco, espirros, espirro reverso, tosse, dispneia obstrutiva inspiratória, cianose, síncope e convulsão. O objetivo do presente trabalho foi descrever os principais achados clínicos observados em cães portadores da SB. Foram analisados 65 prontuários médicos de cães braquicefálicos com SB, incluindo 32 buldogues ingleses, 20 buldogues franceses e 13 pugs, todos com SB e estenose de narina. Os sintomas coletivos mostraram diferenças significativas ($p=0,0001$), confirmadas pelo teste qui-quadrado com correção de Yates. O ronco (34/65) foi o sintoma mais comum nos históricos e anamneses, superando a tosse (25/65) ($p=0,0022$), dispneia em repouso (22/65) ($p<0,0001$), cansaço fácil (18/24) ($p<0,0001$), espirro reverso (15/65) ($p=0,0002$), cianose (12/65) ($p<0,0001$) e síncope (8/65) ($p<0,0001$). O ronco resulta do relaxamento da musculatura laringeana, agravando a obstrução das vias aéreas e a resistência ao fluxo de ar. O espirro é um sintoma comum, mais frequente que os outros, exceto o ronco e a tosse. A estenose das narinas e a baixa complacência podem acumular substâncias nas fossas nasais, mesmo que a tosse esteja relacionada à respiração. No exame físico, houve diferenças significativas estatisticamente nas estatísticas ($p=0,00375$), especialmente ao comparar o aumento do ruído inspiratório com o ruído inspiratório contínuo ($p=0,0158$). Isso indica que o aumento da frequência respiratória (34/65), ruído inspiratório aumentado (30/65) ruído expiratório aumentado (26/65) são frequentes na SB. Mesmo que o ruído inspiratório contínuo seja menos comum (21/65), não deve ser negligenciado, pois indica maior obstrução das vias aéreas. Portanto, este fato sugere que os animais examinados podem não estar em estágios avançados da doença. Em geral, o diagnóstico da SB destaca sua relevância atual, com o ronco sendo o sintoma mais significativo, e ruídos respiratórios aumentados sendo achados comuns no exame físico destes animais, associado à frequência respiratória elevada.

Palavras-chave: Dispneia obstrutiva; Espirros; Estenose de narinas; Ronco; Tosse.



UNIVASSOURAS

